



ENTREVISTA: CÁSSIA SOFIATO

Concedida à editora
da Revista Arqueiro
OSILENE CRUZ

R. ARQUEIRO: Conte-nos um pouco da sua trajetória na Educação de Surdos?

Como se iniciou esse contato?

CÁSSIA SOFIATO: Eu comecei a trabalhar com surdos na década de 1980. Nunca imaginei que trabalharia nessa área. Foi uma feliz descoberta e escolha, após participar de um curso de Língua Brasileira de Sinais (Libras), ministrado por uma professora surda. Após o término da referida atividade, já estava decidida a procurar mais possibilidades nesse campo: eu havia terminado o curso de magistério e ainda estava por decidir qual curso de graduação faria. Em paralelo, comecei a procurar trabalho em escolas especializadas para alunos surdos (nessa época ainda existiam) na cidade em que morava e fui contratada por uma delas. Foi o início de minha vida profissional nessa área. Fiz muitos cursos; foi uma imersão total neste campo antes de adentrar em uma universidade. Ficava cada vez mais fascinada com as novas descobertas e conhecimentos e com o contato com a Comunidade Surda da cidade em que morava. O contato com os surdos foi determinante para que eu aprendesse muito sobre esse universo.

Decidi fazer um curso de graduação que contemplasse a Educação Especial (com ênfase na educação de surdos) e foi uma experiência muito enriquecedora, pois o meu interesse já estava voltado para tal área. Paralelamente atuei como intérprete

de língua brasileira de sinais durante 15 anos em vários espaços. Ao mesmo tempo em que fazia a minha graduação, atuei como professora em escola especializada e como coordenadora de área em um centro de reabilitação. Quando concluí a minha graduação, comecei a trabalhar com educação inclusiva, em escola comum, como profissional que mediava as ações relacionadas aos alunos surdos e demais alunos encaminhados pela escola. O meu ingresso no ensino superior como docente ocorreu neste mesmo período e, tal fato impeliu-me a iniciar o mestrado e, posteriormente, o doutorado. Com o passar do tempo, a minha dedicação passou a ser exclusiva ao ensino superior, com aulas na graduação e na pós-graduação. Atualmente, atuo na Universidade de São Paulo, como docente e pesquisadora na área da Educação, especificamente Educação Especial e Educação de Surdos.

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, qual a importância do ensino de Libras nas es-

ENTREVISTADA: CÁSSIA SOFIATO

Doutora e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Pedagoga com ênfase em Formação de professores para a área de Educação Especial pela PUC - Campinas. Atualmente é editora chefe da Revista Educação e Pesquisa, da Faculdade de Educação da USP, vice presidente da Comissão de Cultura e Extensão da FEUSP, coordenadora da área de Educação Especial no Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da FEUSP e Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação (EDF) e do Programa de Pós-graduação em Educação

colas brasileiras?

CÁSSIA SOFIATO: O ensino de Libras é extremamente importante, necessário e valoriza o reconhecimento de tal língua como uma das línguas utilizadas no Brasil, além de muitas outras que, por vezes, são invisibilizadas. A escola brasileira, principalmente por conta da garantia do direito à educação aos alunos surdos, tem atentado para a necessidade de qualificação dos processos que envolvem o ensino de línguas, nomeadamente, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais. Entretanto, isso não ocorre com a mesma intensidade em todo o nosso país, tendo em vista que outros fatores se sobrepõem aos processos educativos. Importa destacar que no Brasil as políticas públicas acenam para este aspecto e, por vezes, contribuem para que haja a mobilização para a garantia da educação bilíngue aos surdos brasileiros. O documento de 2020 da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), intitulado *Inclusion and education: all means all*, menciona que somente 41 países de todo o mundo reconhecem a Língua de Sinais como língua. Desse total, 21 países se encontram na União Europeia. Faz-se necessário destacar que o Brasil figura entre estes países e isso é mais um motivo para projetarmos e implementarmos uma educação bilíngue efetiva e com contornos bem definidos.

R. ARQUEIRO: Como pesquisadora na área de Educação de Surdos, como você

tem analisado a formação continuada de profissionais que atuam na área da surdez?

CÁSSIA SOFIATO: Como profissional, tenho acompanhado muitas iniciativas voltadas para a formação continuada dos profissionais que atuam no campo em todo o Brasil e internacionalmente. Com base nas especificidades que envolvem o processo educacional para alunos surdos, a formação continuada é fundamental para que os profissionais se qualifiquem cada vez mais para atender às demandas contemporâneas e às necessidades inerentes ao processo de formação de tais alunos. O desenvolvimento de um currículo bilíngue ainda é um desafio, tendo em vista o trabalho com, ao menos, duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) durante a escolarização dos surdos, além da necessidade de utilização de metodologias que valorizem a linguagem visual. Tudo isso é muito complexo, apesar da tradição que o Brasil possui em educação de surdos. Tais aspectos reforçam a necessidade de formação continuada com base em discussões pautadas em aspectos de ordem pedagógica e linguística, não isentando outras possibilidades e urgências.

R. ARQUEIRO: O que uma escola bilíngue para surdos promove ou deveria promover aos seus alunos e alunas?

CÁSSIA SOFIATO: Uma escola bilíngue para a educação de surdos deve promover uma formação efetiva envolvendo o aprendizado de, ao menos, duas línguas

(Libras e Língua Portuguesa), além da aquisição de conhecimentos das diversas áreas que compõem o currículo. Ademais, no meu entendimento, para além da aquisição das línguas e do conhecimento, tais escolas são espaços em que a Cultura Surda se desenvolve, com maior ou menor ênfase, a depender da compreensão e do investimento pedagógico e social que se destine a este aspecto. A tentativa de fortalecer a educação bilíngue, no caso do Brasil, tem sido constante, apesar dos desafios que suscetibilizam a escola brasileira para alunos surdos, tais como a falta de docentes fluentes nas duas línguas, o número ainda escasso de professores surdos, a falta de materiais didáticos que contemplem as duas línguas, processos de avaliação formativa mais apropriados aos alunos surdos, entre outros aspectos.

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, o que o Decreto 10.502/2020, que instituiu a nova política nacional de educação especial, tem a contribuir para Educação de Surdos?

CÁSSIA SOFIATO: Não é minha intenção fazer aqui uma análise aprofundada do decreto 10.502/2020 e todas as suas implicações para a educação das pessoas com deficiência, vou focar apenas o público surdo. Ademais, o ministro do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, suspendeu no dia 1 de dezembro o decreto em tela. Essa decisão individual será submetida ao plenário do Supremo Tribunal Federal no dia 11 de dezembro. Em relação

à educação de surdos, o decreto destaca a legislação vigente que envolve o público surdo e afirma garantir o direito à educação bilíngue para os surdos, por meio da implementação de escolas ou classes bilíngues. Outros detalhamentos também são trazidos no que tange aos serviços, recursos, atores, entre outros aspectos. O que chama a atenção é a recorrência com que o público surdo aparece em detrimento aos demais.

R. ARQUEIRO: Quais os impactos da pandemia causada pela Covid-19 na educação de alunos surdos?

CÁSSIA SOFIATO: Como sabemos, a pandemia da COVID 19 tem sido uma situação adversa muito complexa vivida em nível mundial. Concordo com a posição da pedagoga argentina Inés Dussel quando ela menciona que a pandemia promoveu uma transição abrupta no cenário educacional e houve um apagamento das fronteiras entre a escola e as casas dos alunos, além de outros impactos na vida pública e privada. No caso da educação de surdos, percebo que contribuiu para acentuar as desigualdades de oportunidades e para explicitar ainda mais a falta de acessibilidade no que tange ao acesso à informação e comunicação. Muitos espaços educacionais que assumiram o trabalho de forma remota, nem sempre conseguiram garantir a acessibilidade dos alunos surdos às aulas ou a outras atividades em função da barreira linguística e da falta de intérpretes de Língua de Sinais para este fim. Infelizmente, a

tecnologia não contempla a todos. Em alguns casos, mesmo podendo contar com a presença de intérpretes, apresentam-se barreiras de cunho tecnológico, apesar de todo o avanço observado. Entretanto, não podemos generalizar e devemos reconhecer que, dentro do contexto pandêmico, algumas iniciativas diferenciadas surgiram e foram concebidas considerando-se também os alunos surdos. E, dentro das possibilidades reais, algumas até alcançaram boas repercussões. Com a pandemia, tivemos que apostar na capacidade de adaptação e de criatividade para a condução dos processos educacionais, em benefício da vida. O ideal seria que ninguém fosse deixado para trás, mas para isso seguimos lutando em prol dos contextos mais vulneráveis.

R. ARQUEIRO: Sabendo que a Língua Brasileira de Sinais é a língua de comunicação e expressão da Comunidade Surda e que a maioria das pessoas surdas nascem em famílias ouvintes, como se devem superar as barreiras linguísticas?

CÁSSIA SOFIATO: Acredito que a superação das barreiras linguísticas faz parte do trabalho com alunos surdos, apesar da visibilidade que a Libras conquistou no contexto nacional e esforços de várias naturezas. Para que se promova o desenvolvimento linguístico da criança surda, pensar em uma educação bilíngue se faz necessário. O contato da família com profissionais capacitados que orientem

e apresentem as possibilidades de educação para crianças surdas no contexto brasileiro é fundamental. Por vezes, esse contato não ocorre e as opções em termos de escolha ficam muito limitadas. O delineamento de um percurso para a aquisição das duas línguas, Língua de Sinais e Língua Portuguesa, precisa ser traçado e a parceria com a família precisa ser estabelecida. Antes da entrada da criança em uma escola, a pergunta que fica é: a quem cabe esse papel? A intensificação do trabalho entre as áreas da saúde e da educação precisa ser incentivada.

R. ARQUEIRO: Embora saibamos da importância da Língua Brasileira de Sinais, estigmas e preconceitos ainda são recorrentes. A que devemos atribuir essas manifestações preconceituosas e como podemos combatê-las?

CÁSSIA SOFIATO: Penso que muitas manifestações preconceituosas em relação à Língua Brasileira de Sinais advêm do desconhecimento da potência e da importância de tal língua para o desenvolvimento dos surdos e das representações negativas que foram se constituindo ao longo da história para que o oralismo prevalecesse. Historicamente, vimos a manutenção da supremacia da língua oral na educação de surdos por períodos muito prolongados. O reconhecimento do status de língua para as Línguas de Sinais foi alçado somente a partir de meados do século XX. Esse novo status foi reconhecido em vários contextos, mas, por certo,

ainda não tem um alcance de caráter mais universal. Destarte, todo empenho ainda é necessário para que se difunda a Língua de Sinais e se defenda a sua extrema importância para os surdos. Pesquisas científicas, políticas públicas (desde que bem elaboradas), e documentos orientadores, de origem internacional, também podem colaborar com a construção de representações mais fidedignas e respeitadas em relação às Línguas de Sinais.

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, a tecnologia tem contribuído de maneira positiva para as pessoas surdas? Como você tem percebido esse movimento?

CÁSSIA SOFIATO: O uso da tecnologia tem sido mais recorrente ultimamente, até mesmo em função da situação de pandemia que vivemos. No caso das pessoas surdas, penso que o uso da tecnologia de informação e comunicação pode promover uma outra condição de vida e favorecer a acessibilidade.

Muitos surdos fazem uso de diferentes tecnologias e tenho percebido que isso tem se tornado mais recorrente nas Comunidades Surdas. Pelo fato de a Língua Brasileira de Sinais ser de modalidade espaço-visual, o uso da imagem, por meio do uso da tecnologia pode ser alargado. Muitos contextos educacionais também têm investido consideravelmente no uso da tecnologia para qualificar o processo pedagógico, em particular, com o uso de metodologias que valorizem a linguagem visual. O avanço da tecnologia é real e no-

tório, mas a democratização de tal uso é o que merece atenção e constante debate. O congresso Global Forum Virtual Educa, edição 2020, discutiu essas questões.

R. ARQUEIRO: Por fim, quais as principais dificuldades de se integrar alunos surdos e ouvintes nas escolas?

CÁSSIA SOFIATO: A educação inclusiva possui desafios de naturezas distintas no nosso país, apesar dos esforços e empenho de muitos professores e demais educadores para que essa proposição se efetive nas escolas. Em relação aos alunos surdos, alguns aspectos merecem atenção, tais como: o ensino das línguas envolvidas no processo educativo e a hierarquia que se estabelece entre elas na sala de aula inclusiva; o acesso ao currículo e as atividades desenvolvidas com todos os alunos; o processo de avaliação, considerando a condição linguística dos alunos surdos e suas especificidades; as opções metodológicas e o real aproveitamento e desenvolvimento, ainda tendo em vista que nem todas as escolas contam com um intérprete de Libras em seu quadro de profissionais e que nem todos os professores se sentem preparados para atuar neste contexto. São muitos os aspectos a serem considerados e, na minha opinião, a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva leva tempo e demanda investimentos de diversas naturezas, para que uma nova cultura escolar se estabeleça e promova as mudanças necessárias de forma assertiva e de acordo com as necessidades que emergem.